

TELEVISÃO E APRENDIZAGEM

Ana Claudia Lawless Dourado¹

RESUMO

A televisão, desde seu surgimento, na década de 50, vem sofrendo fortes acusações com relação à sua interferência do quesito aprendizagem, principalmente na crianças. De outro fim, o meio televisivo é igualmente taxado de manipulador, um meio de aniquilação do pensamento do telespectador. Este artigo busca na psicologia de Piaget e Vygotsky, dois autores da aprendizagem, alguma resposta para esta possibilidade ser verdadeira. Seria possível a massificação através de um meio de comunicação? Aprendemos ou desaprendemos alguma coisa com a televisão? Não estaríamos diante uma desculpa para outras falhas do sistema? A resposta não teremos aqui, mas o início de uma discussão é o que propomos.

Palavras-chave: comunicação, psicologia, aprendizagem.

TELEVISION AND LEARNING

ABSTRACT

Television, since its inception in the 50's, has come under heavy charges related to its interference of the topic learning, especially in children. On the other end, the medium of television is also labeled a manipulator, a means of annihilation of the mind of the viewer. This article seeks psychology of Piaget and Vygotsky, two authors of learning, some response to this possibility be true. It would be possible through a mass medium? Learn or unlearn anything from television? We would not be facing an excuse for other failings of the system? The answer we have here, but the beginning of a discussion is what we propose.

Keywords: communication, psychology, learning.

¹ Mestre em Ciências da Saúde pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL); pós graduada em Transtornos do Desenvolvimento Humano - das Psicoses às Deficiências pela Universidade Tuiuti do Paraná (UTP), Psicóloga pela Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL); Coordenadora e docente do Curso de Psicologia da Universidade Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP). Rua Sigfried Helmuth Lührs 150, ap. 703, Caçador (SC) Brasil. e-mail: psicologia@uniarp.edu.br.

1. INTRODUÇÃO

Os meios de comunicação sempre desempenharam fundamental papel ao longo de sua história. No entanto, este mesmo meio que transformou algumas culturas e colaborou com muitos povos levando informação e entretenimento é seguidamente cobrado com relação à possível alienação que transpassa ao telespectador.

Do outro lado, estudiosos como Jean Piaget e Lev S. Vygotsky discutem como se dá a formação educacional, bem como a assimilação daquilo que realmente podemos chamar de conhecimento. Inúmeros estudos revelam que há um sequencia de procedimentos que antecedem o que podemos chamar de aquisição de conhecimento.

O presente artigo pretende discutir alguns pressupostos considerados fundamentais para o desenvolvimento do saber e, analisar se a mídia, em especial a televisão, poderia ocupar este papel com os recursos que dispõem.

2. LINGUAGEM, INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO

Somado a informação, não podemos esquecer o meio pela qual essa se propaga. A linguagem. José Marques de Melo afirma que “o principal instrumento da informação individual ou grupal é a linguagem – falada ou escrita – que, aliás, constitui elemento imprescindível para qualquer tipo de informação. Sem informação não há comunicação; e, sem linguagem, não há informação”. (MELO, 1988, p. 63).

A comunicação existe desde a criação da humanidade, pois, desde o princípio os indivíduos necessitavam se entender para viverem em grupos. A comunicação tem um papel fundamental e único na construção das sociedades e está diretamente relacionada com a própria evolução do homem na terra.

A palavra “comunicar” vem do latim “communicare” com a significação de “pôr em comum”. Comunicação é convivência; está na raiz da comunidade, agrupamento caracterizado por forte coesão, baseada no consenso espontâneo dos indivíduos. Consenso quer dizer acordo, consentimento, e essa acepção supõe a existência de um fator decisivo na comunicação humana: a compreensão que ela exige, para que se possam colocar, em “comum”, idéias, imagens e experiências. [...] Seu grande objetivo é o entendimento entre os homens. Para que exista entendimento é necessário que se compreendam mutuamente indivíduos que se comunicam. (PENTEADO, 1982, p. 01).

Tamanho a importância do ato de nos comunicarmos em sociedade, que muitas vezes esquecemos essa dimensão. Sentimos sua falta quando a perdemos. Comunicar pode ser comparado em uma sociedade como um ato vitalício como respirar, se alimentar ou beber água. Quando deixamos de nos comunicar sofremos consequências que abalam nossa própria estrutura enquanto humanos.

A comunicação confunde-se assim, com a própria vida. Temos tanta consciência de que comunicamos como de que respiramos ou andamos. Somente percebemos a sua essencial importância quando, por um acidente ou uma doença, perdemos a capacidade de nos comunicar. Pessoas que foram impedidas de se comunicarem durante longos períodos, enlouqueceram ou ficaram perto da loucura. (...) A comunicação é uma necessidade básica da pessoa humana, do homem social. (BORDENAVE, 1979, p. 19).

Bordenave comenta a função da comunicação que, segundo ele, serve para que as pessoas se relacionem entre si, transformando mutuamente a realidade que as rodeia. Uma sociedade não pode ser pensada sem comunicação, bem como a comunicação não pode existir sem sociedade.

Então, a comunicação não existe por si mesma, como algo separado da vida da sociedade. Sociedade e comunicação são uma coisa só. Não poderia existir comunicação sem sociedade, nem sociedade sem comunicação. A comunicação não pode ser melhor que sua sociedade nem esta melhor que sua comunicação. Cada sociedade tem a comunicação que merece. Dize-me como é a tua comunicação e te direi como é a tua sociedade. (BORDENAVE, 1979, p. 16-17).

Além disso, o autor chama a atenção para o fato de que sem a comunicação cada pessoa seria um mundo fechado em si mesmo. “Pela comunicação as pessoas compartilham experiências, idéias e sentimentos. Ao se relacionarem como seres interdependentes, influenciam-se mutuamente e, juntas, modificam a realidade onde estão inseridas”. (BORDENAVE, 1979, p. 16-17).

Embora não podemos negar a importante atuação da comunicação durante todos os períodos da humanidade, fica mais evidenciada essa relevância na sociedade contemporânea.

Essas alterações devem-se ao rápido crescimento da velocidade da informação provinda da alta tecnologia, exigindo espontaneamente maior qualidade comunicativa para ser efetivado a interação entre os vários grupos de interesse. Dessa maneira, o uso de instrumentos da comunicação tornam-se muito importantes.

E, na sociedade contemporânea – como nunca ocorreu outrora – se faz presente a necessidade de melhor orientar a interação entre os vários grupos de interesse. Os homens se complementam socialmente. Os grupos

humanos deverão ser orientados para a “competência social”. No contexto da sociedade industrial voltada para a transformação e a produção e para distribuição e consumo de bens – o uso dos canais de divulgação torna-se indispensável. (WEY, 1986, p. 11).

O ponto negativo está justamente no positivo da questão. Explicando melhor, com a demanda descontrolada de informações, acabamos sendo vítimas da quantidade comunicativa.

A consequência desse fato está na falta de compreensão, gerando uma incomunicabilidade entre a sociedade em geral. Pois a gama de informação é tanta, que passamos a não “processar” conforme deveríamos.

Costuma-se dizer que estamos na era da comunicação, mas isso é só meia verdade. Estamos, na realidade, na era dos meios de comunicação, mas as pessoas continuam tão isoladas quanto antes, porque vive-se no geral o clima de incomunicabilidade. Há um diálogo de surdos, em que as pessoas falam em faixas de ondas diferentes. Chega-se ao paradoxo de se conviver sem se comunicar; estar junto sem se fazer companhia; há presença física e ausência de comunicação. Não é de estranhar, portanto, que a falta de comunicação seja um dos maiores problemas deste século; ela tem sido diagnosticada como a praga da administração moderna. (BERG, 1989, p. 80).

Acabamos desinformados diante de tanta informação. Nesse ponto a comunicação enfraquece no que diz respeito a processos participativos. Passamos, em geral, a aceitar ideias e conceitos sem manifestação intelectual, viramos meros atores da vida real. E esse é o lado escabroso da comunicação.

Curiosamente, a sobrecarga de informações pode redundar em desinformação. Recebíamos antes a notícia do dia e poderíamos ruminá-la durante horas. Hoje temos a notícia renovada e modificada a cada segundo, acompanhando em tempo real o desdobramento dos fatos e das decisões, o que rapidamente envelhece a informação transmitida. [...] A massa de informações gerais ou especializadas contida na imprensa diária exigiria um super-homem para absorvê-la. [...] Não há dúvidas, porém, de que precisamos aprender a filtrá-la, a ajustá-la ao nosso metabolismo de público alvo. A eletrônica e a informática estão a nosso serviço, mas não substituem as limitações orgânicas, cerebrais e emocionais do homem. [...] Ou buscamos um equilibrado “modus vivendi” com as pressões da prodigiosa tecnologia da comunicação, ou o feitiço virará contra o feiticeiro. (MARZAGÃO, 1996, p. 21).

E nesse contexto, entre pontos positivos e negativos é que devemos melhor analisar os modelos comunicacionais. A tecnologia deve ser analisada e, principalmente utilizada no ponto de vista aliado e não como inimigo. A grande questão está em saber equilibrar as informações. E, de certa forma, precisamos discutir sobre o real papel da mídia.

Devemos ter clara a idéia de alienação nos pólos do descontrole

informacional. De um lado a total falta de informação pela abstinência aos meios comunicacionais e, do outro lado a excessiva gama de informações que acarretam, como já exposto, em desinformação. E a educação deveria estar inserida neste meio? Não estaríamos exigindo dos meios uma postura que não é sua? É possível educar através dos meios de comunicação? Todas essas questões devem ser minuciosamente discutidas para não errarmos discutindo falhas que não dizem respeito ao meio citado.

3. APRENDIZAGEM E OPINIÃO

Muitos autores já escreveram sobre o processo de aprendizagem, todos concordam que há uma sequência de fatores envolvidos neste ato. A criança nasce sem qualquer comportamento organizado e, são esses comportamentos que serão aprendidos durante sua vida. A pedagogia cita alguns exemplos de esquemas de ação como vimos em Luiz Alberto dos Santos Brasil, “Nascemos dotados de montagens hereditárias que nos levam a executar as ações indispensáveis à sobrevivência e à reprodução. Nestas montagens, estão esquematizadas as sequências de atitudes que tomamos para satisfazer as necessidades imediatas: são elas nossos primeiros esquemas de ação.” (BRASIL, 1979, p. 13).

Neste contexto, temos clareza de que a adaptação está presente na vida humana, como essência elementar da própria manutenção da espécie e não apenas diante os fenômenos naturais decorrentes de transformações. Na comunicação, podemos também delinear essa progressão desde os primeiros indícios de tentativa comunicacional do homem, que acredita-se ter início dois milhões de anos atrás. A questão está no que podemos chamar de exercício ou mera reprodução e o que podemos chamar de aprendizagem, ou formação de opinião.

Segundo Brasil, há uma diferença que devemos considerar entre exercício e aprendizagem, sendo o segundo, uma acomodação de uma situação até então consolidada ou não descoberta.

A assimilação das situações típicas previstas nos próprios esquemas se faz automaticamente sem aprendizagem, constituindo-se, portanto, mero EXERCÍCIO. Quando um esquema é acomodado a uma situação nova, resulta dessa acomodação um novo esquema que vem enriquecer o acervo dos esquemas antigos: neste caso, há APRENDIZAGEM. (BRASIL, 1979, p. 13).

O autor ainda comenta que a criança faz suas acomodações nos primeiros meses de vida através do tato, passando posteriormente para a imitação onde ela consegue acomodar seus esquemas e, finalmente, próximo aos dois anos de idade, quando já é capaz de adquirir a linguagem, torna-se capaz de inventar, ou seja, coordenar vários esquemas de ações diante um objetivo. Talvez a desordenação desses esquemas que a tornam muitas vezes engraçadas. Antes da invenção, nos deparamos com a reflexão, conforme indica Brasil “Na invenção, a ação se inicia depois de uma reflexão, quando são previstos os resultados de possíveis coordenações.” (BRASIL, 1979, p. 14).

Quando um motorista é surpreendido na estrada por um “prego de pneu”, estando sem o “macaco”, e consegue desviar o carro para um acostamento de terra onde depois de calçá-lo cava por baixo da roda até que ela fique em suspensão, ele está inventando ou imitando um processo. A acomodação é inventiva quando feita pela primeira vez, e imitativa quando resulta da lembrança de um procedimento semelhante feito por algum companheiro. Em ambos os casos, há aprendizagem porque há incorporação de novos esquemas de ação, resultantes de acomodações e coordenações de esquemas anteriormente adquiridos. (BRASIL, 1979, p. 20).

Na pedagogia encontramos elementos que nos permitem fazer um comparativo com as estruturas utilizadas e reconhecidas em comunicação. No livro *Distúrbios da Aprendizagem*, de Ruth Drouet, encontramos palavras como comunicador, emissor, mensagem, receptor e meio. A autora demonstra alguns elementos fundamentais do processo de ensino-aprendizagem.

A aprendizagem, como parte de um processo social de comunicação - a Educação -, apresenta os seguintes elementos:

Comunicador ou emissor, representado pelo professor ou pelas máquinas de ensinar, como transmissores de informações ou agentes do conhecimento. O comunicador tem uma participação ativa no processo educativo, devendo estar motivado e ter pleno conhecimento da mensagem que irá transmitir a seus alunos.

Mensagem, que é o conteúdo educativo, ou seja, os conhecimentos e as informações transmitidas aos alunos. A mensagem deve ser adequada à idade mental do educando. Deve ser clara e precisa para ser bem entendida.

Receptor da mensagem, que é o aluno. O receptor não tem um papel passivo; deve ser um recebedor crítico dos conhecimentos e informações que lhe são transmitidos.

Meio ambiente, que é o meio escolar, familiar e social, onde se efetiva o processo de ensino aprendizagem. o meio ambiente deve ser estimulador da aprendizagem e, portanto, propício ao bom desenvolvimento do

processo educativo. (DROUET, 2002, p. 07).

Fazendo um paralelo com a televisão, no quesito emissor, poderíamos considerar que existe como fazermos um paralelo, levando em conta o tipo de programação a ser estudado, um programa educativo apresentado por um professor, por exemplo. Na mensagem, citada pela autora, verificamos que esta cita a adequação com a idade mental do educando. Aqui já percebemos um problema, pois não é possível a emissora controlar a faixa etária de seus expectadores durante sua programação, podendo, no máximo, orientar com relação a recomendação de idade.

O problema maior está na questão do receptor, onde a autora indica que este não deve ser passivo, o que é totalmente impossível diante a televisão, pois o indivíduo não consegue interagir com este meio, nem questiona-lo diante alguma dúvida ou desentendido. E, por fim, o meio que é o ambiente igual entre a comparação proposta.

Sendo assim, podemos afirmar que nos meios de comunicação, neste caso diante do simples ato de assistir televisão, há no máximo uma espécie de exercício mental, se o existir, no entanto, em nenhum momento o indivíduo estaria condicionado ao ato de aprendizagem.

4. O PROCESSO DE APRENDIZAGEM FÍSICO-MATEMÁTICO DE PIAGET

Sabemos que a aprendizagem dá-se através de estímulos. Na espécie humana, perdemos para os demais animais por não possuímos mecanismos evoluídos com relação à sobrevivência instintiva e uma relação com a ecologia, porém, possuímos a inteligência diante as novas situações.

[...] (os instintos são uma espécie de “inteligência enlatada” adequada à sobrevivência do animal dentro de determinada ecologia, ao passo que a inteligência é uma espécie de “instinto fabricado”, aqui e agora, para enfrentar uma situação nova).” (LIMA, 1983, p. 33).

Em tribos selvagens, sabemos que não evoluem seu estágio civilizatório e não chegam ao pensamento operatório concreto. Este fato demonstra a necessidade do estímulo do meio, conforme verificamos em Lima: “o ser humano precisa de estimulação do meio para construir seus comportamentos motores, verbais e mentais” (LIMA, 1983, p. 33).

Como diz J. Piaget, a hereditariedade cria apenas possibilidades, ficando o desenvolvimento por conta das interações com o meio (o macaco não chegará jamais a falar, porque hereditariamente não tem esta possibilidade, mas o homem não falará, também, se não explorar suas possibilidades hereditárias). (LIMA, 1983, p. 34).

Piaget em sua teoria define dois tipos de processos de aprendizagem, sendo o primeiro estrito, que encontramos no livro de David Elkind e consiste nas modificações de comportamento e de pensamento como resultado da experiência e o segundo no sentido lato, que seriam as modificações de comportamento e de pensamento que resultam da experiência e de processos de equilíbrio ou complexas atividades de regeneração entre maturação e experiência.

No sentido estrito, Piaget faz mais duas distinções entre processos de experiência que resultam em modificação do comportamento, sendo essas: a experiência física (F), que ocorre quando as coisas agem sobre nós e a experiência lógico-matemática (LM) que consiste como resultado de nossas ações sobre as coisas. A diferença entre essas duas experiências é uma ênfase no trabalho de Piaget.

A experiência F está ligada às descobertas das qualidades e propriedades das coisas (forma, contorno, cor, plástica). São descobertas são destituídas de necessidade lógica, pois são postas como tal diante o indivíduo.

Já na experiência LM, envolve o sentido de relações das nossas ações com as coisas. Conceitos como direita, esquerda, quantidade, números. É uma ação ampla, que ultrapassa os limites da manipulação motora, para atingir julgamentos perceptivos.

A motivação na experiência LM é intrínseca, onde a descoberta ou entendimento da verdade lógica, não precisa ser recompensada de nenhum modo físico, pois a razão satisfaz-se por si só. A diferença entre as duas experiências é bem exemplificada por Elkind.

Uma diferença essencial entre os conteúdos F e LM é que os conteúdos F aprendidos pela criança são relativamente inalterados por seu desenvolvimento mental progressivo, enquanto os conteúdos LM são radicalmente transformados. Uma criança aprende o dia do seu aniversário quando tem seis anos, por exemplo, e esse conteúdo F, ou data, é retido sem alteração durante toda a vida. Em contraste, uma criança pode aprender inicialmente a respeito de “direita” ou “esquerda” por volta dos 4 ou 5 anos, mas o significado desses termos continuará a evoluir até que alcance os 11 ou 12 anos. A aprendizagem LM se modifica com a idade e os produtos ou conteúdos dessa aprendizagem devem igualmente modificar-se. (ELKIND, 1972, p. 91).

É importante salientarmos sobre a experiência LM que a criança possui concepções diferentes sobre o mesmo tema em diferentes níveis de sua vida. Sendo assim, podemos afirmar que não existe um conceito certo ou errado sobre o conceito LM e, sim, existem diferentes conceitos conforme a idade.

Uma característica muito importante da aprendizagem LM refere-se aos seus efeitos sobre a visão do sujeito com relação ao mundo ao seu redor. Em geral, a aprendizagem F tende a ser analítica no sentido em que nos permite diferenciar melhor entre vários aspectos do ambiente. A aprendizagem LM, ao contrário, é sintética no sentido em que nos ajuda a organizar os eventos em totalidades maiores. Tal organização é possível porque a aprendizagem LM deriva sobre nossas ações sobre as coisas - ações que são infinitas em sua variedade - e não diretamente das próprias coisas. Em consonância, enquanto a aprendizagem F aproxima-nos das coisas, a aprendizagem LM distancia-nos delas ao acentuar suas relações com outras coisas. De modo mais simples, podemos dizer que a aprendizagem F modifica o que vemos, enquanto a aprendizagem LM modifica como vemos. (ELKIND, 1972, p. 93).

Neste contexto, a aprendizagem LM nos auxilia a tornar mais concretas nossas ideias precedentes. E onde estaria a relação LM nos programas de televisão? Talvez Piaget defenderia a ideia de que, esta mudança ocorreria na medida em que a pessoa fosse crescendo ou evoluindo. Pois a linguagem da televisão, neste contexto é física (F), podendo possuir pontos de vistas diferenciados de acordo com o telespectador. Ou seja, o mesmo programa F (físico) interpretado, apreciado ou desapreciado conforme que o vê, o possuidor da LM (lógico-matemática). Um pode ser uma criança de 11 anos e outro um adulto de 45 anos.

5. CONCLUSÃO

É evidente que encontraremos muitos trabalhos rechaçando os meios de comunicação como manipulador ou indutor ao não pensamento crítico. Talvez por muito tempo ainda ouviremos esta crítica que, parece estar bem aceita pela sociedade global. O que não podemos esquecer é de estarmos cientes dos papéis dos meios e, ficarmos atentos para não cairmos na generalização de um problema muito mais amplo.

Informar e entreter, estes sim são os papéis de um meio, talvez o segundo (entreter), ainda mais evidenciado na televisão.

Muitas vezes esquecemos que as redes de televisão são empresas. Seu produto é a mídia e seu cliente indireto é o telespectador. Como em qualquer

empresa que busca seu sustento, é oferecido produtos que contemplem uma clientela. Quer dizer, vai para o ar programas que possam reunir o maior número de pessoas diante da tela, sendo assim, o cliente (telespectador) é diretamente responsável por este produto e, “se está vendendo” (sendo assistido) a empresa não irá tirar do mercado (tirar do ar).

Percebendo uma empresa de mídia como qualquer outra empresa de outro ramo, fica mais fácil de notarmos que é inevitável não haver interesses e pretensões. Na mesma ótica, as estatais também, de modo inevitável, tendenciam para a proteção e ou defesa do governo que a dirige.

Verificamos neste trabalho que a aprendizagem, ato princípio para uma postura crítica, dificilmente será contemplado via televisiva, pois não há desacomodação de nenhum esquema mental diante a tela.

No processo físico-matemático de Piaget, poderíamos concluir que a experiência lógico-matemática não ocorre pelo fato da impossibilidade do telespectador agir sobre o que lhe é apresentado. Salvo o ato de deixar de assistir.

Sendo assim, baseado nos autores mencionados, conclui-se que a televisão não pode ser considerada um agente de aprendizagem, o que parece claro entre as emissoras e muito turvo entre críticos da mídia. Devemos estar cientes das reais funções dos meios para a partir de então cobrarmos sua eficiência.

REFERÊNCIAS

BORDENAVE, Juan Diaz e Horacio Martins de Carvalho. **Comunicação e planejamento**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

BERG, Ernesto Artur. **Manual do chefe em apuros**. São Paulo: Makro Books, 1999.

BRASIL, Luiz Alberto dos Santos. **Experiências pedagógicas baseadas na teoria de Piaget**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1979.

DROUET, Ruth Caribé da Rocha. **Distúrbios da Aprendizagem**. São Paulo: Ática, 2002.

ELKIND, David. **Crianças e Adolescentes** - Ensaios interpretativos sobre Jean Piaget. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1972.

LIMA, Lauro de Oliveira. **Introdução à pedagogia**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

MARZAGÃO, Augusto. A fadiga da informação. **Revista de Comunicação**. Rio de

Janeiro, ano 12, n. 46, nov 1996.

MELO, José Marques de. **Teoria da Comunicação**: paradigmas latino-americanos. Petrópolis: Vozes, 1988.

PENTEADO, José Roberto Whitaker. **A técnica da comunicação humana**. 8. ed. São Paulo: Livraria Pioneira, 1982.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1975.

PIAGET, Jean. **Fazer e compreender**. São Paulo: Melhoramentos, 1978

WEY, Hebe. **O processo de relações públicas**. 2. ed. São Paulo: Summus, 1986.